

FEMINISMO E ANÁLISE DO DISCURSO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA OBRA O SEGUNDO SEXO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Mayara Oliveira Feitosa (SEDUC-SE)¹
mayara_oliveiraf@hotmail.com

RESUMO: Os estudos feministas são extremamente importantes para a compreensão da constituição discursiva da mulher, ao longo da história, pois, no contexto atual, é possível observar necessidade em discutir problemas como a violência doméstica contra a mulher, bem como a desigualdade econômica entre os gêneros. Este artigo tem como objetivo analisar a constituição discursiva no pensamento de Simone de Beauvoir, filósofa francesa considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, sobre o gênero em *O Segundo Sexo*. A obra Beauvoir revela uma fenomenologia da experiência e da condição das mulheres, em que se efetiva tanto a interlocução entre o Eu e o Outro, a corporeidade e a sexualidade, acerca da desconstrução identitária de uma conjectura de sujeito feminino. Serão apresentados e analisados alguns pensamentos de Beauvoir (1980), tais como a defesa de uma distinção entre sexo e gênero. Ademais, para a construção dos processos analíticos, serão utilizados pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, tais como Pêcheux (1997), Orlandi (2000), especialmente sobre as categorias memória, interdiscurso e constituição do sujeito. Dessa forma, observa-se que, ao longo da história, cada cultura construiu os padrões de atos e comportamentos de um determinado gênero, ou seja, este é considerado como algo não apenas biológico, mas cultural, fatores essenciais para a análise discursiva da constituição do sujeito, na referida obra. Assim, pretende-se contribuir para o aumento dos estudos feministas e a Análise do Discurso.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Feminismo. Sujeito.

1 Considerações iniciais

Este estudo tem como objetivo analisar a constituição discursiva no pensamento de Simone de Beauvoir, filósofa francesa considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, sobre o gênero em “*O Segundo Sexo*”, a partir das concepções da Análise do Discurso especialmente das categorias formação discursiva e constituição do sujeito.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Os estudos feministas são extremamente importantes para a compreensão da constituição discursiva da mulher, ao longo da história. Dessa forma, pretende-se contribuir para os estudos sobre a presença feminina nos trabalhos em análise do Discurso. A partir das concepções e construções acerca do conceito mulher, compreender os argumentos de Beauvoir faz-se necessário, na sociedade contemporânea. O livro “O segundo sexo” apresenta dois volumes: o primeiro, intitulado fatos e mitos, e o segundo, com o título experiência vivida e constituem uma de grande contribuição para o feminismo, que influenciou críticas e discussões sobre papel da mulher nas sociedades ocidentais. Além disso, a presença do trecho da obra O Segundo Sexo no Enem – Exame Nacional do Ensino Médio (2015), especificamente a parte sobre a biologia, justifica a importância do debate sobre obras relacionadas ao compreendido dentro dos estudos os movimentos sociais e as lutas pela igualdade que marcaram a década de 1960, descartando os Estados Unidos e Europa Ocidental, uma vez que, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis e permanentes” (Butler, 2003, p. 18). Desse modo, pretende-se associar leituras filosóficas aos estudos linguísticos e contribuir para o trabalho de produção textual, com uma perspectiva multidisciplinar.

Para a construção dos processos analíticos, foram utilizados pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa: Pêcheux (1997) e Orlandi (2000), especificamente sobre as categorias de análise formação discursiva e constituição do sujeito. Nesse sentido, serão apresentados pressupostos históricos da Análise do Discurso, bem como algumas categorias analíticas, tais como formação discursiva e constituição do sujeito. Os procedimentos metodológicos de construção do *corpus*, consistem em considerações sobre a Metodologia em Análise do Discurso, considerações sobre a Análise do Discurso, seleção e análise do *corpus* (texto escrito).

2 Referencial teórico

2.1 Percurso histórico da Análise do Discurso

Segundo Pêcheux (1997), na primeira época da Análise do Discurso, a postura teórica identificava que no processo de produção discursiva é concebido como uma

máquina composta por autodeterminação, ou seja, “fechada sobre si mesma”, assim o sujeito encontrado na primeira época da AD, consiste, conforme Pêcheux (1997, p. 311), em “um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus ‘suportes’”. Nessa fase inicial, o “momento estruturalista” encontra-se uma “máquina discursiva” que dominava a produção do conjunto de traços discursivos empíricos, e a partir de tal hipótese constrói-se “um gesto epistemológico de ascensão em direção à estrutura desta máquina discursiva que supostamente as engendrou” (PÊCHEUX, 1997, p. 312).

Pêcheux (1997) conclui que na AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita em relação à teoria e ao método a um começo e um fim que são predeterminados de modo que as “máquinas discursivas” são constituídas por unidades justapostas. Nota-se que houve um avanço promovido, neste momento tido como “estruturalista”, em que os traços são constituídos pelo *corpus*.

Na segunda fase da AD, Pêcheux (1997) chama a atenção para os processos discursivos em “justaposição”, em que se tornam objeto da AD “conversão das relações entre as máquinas’ discursivas estruturais. Ainda segundo Pêcheux, tais relações possuem contribuem para o surgimento do conceito de *formação discursiva* (FD) com base de Michel Foucault. Segundo Foucault (2004, p.43), “o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva”.

Dessa maneira, na Ad 2, nota-se que é posta em questão a ideia de “máquina estrutural fechada”, que provoca um processo de transformação sobre a visão do objeto de AD. Assim, encontra-se em Foucault contribuições interessantes, uma linguagem com conceito filosófico, ao evidenciar a relação do homem com o exterior e desvelar a ideia de um sujeito como “origem”, presente no “estruturalismo”, articulando-se para as práticas discursivas. Nesse sentido, é importante ressaltar que “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constituinte ‘invalidada’ por elementos que vêm de outro lugar que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX 1997, p. 314).

A noção de interdiscurso é introduzida para designar “o exterior específico em uma FD com enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o

fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como resultado paradoxal da irrupção de um “além” exterior e anterior PÊCHEUX (1997, p. 314).

Na Ad 2 permanece a ideia de assujeitamento do sujeito, à medida que esse assujeitamento está ligado à FD, então a questão do “sujeito da enunciação” é posta neste momento, de acordo com Pêcheux (1997, p. 314), apenas com ‘a ilusão subjetiva produzida pela ignorância das causas que nos determinam’. Assim, a FD depende de uma espécie de “controle social”, ou seja, outras FDs postas em funcionamento, de modo que a presença do outro significa no “eu” para determinar a posição do sujeito, que pode assumir vários papéis ou funções, formando assim o discurso heterogêneo.

Na terceira fase da Ad, Pêcheux (1997) apresenta a desconstrução das maquinarias discursivas, dada a emergência de novos procedimentos da Ad. Na chamada AD-3, “o primado teórico do *outro* sobre o *mesmo* se acentua, empurrando até o limite a crise de noção de máquina discursiva estrutural” (PÊCHEUX p. 315), ou seja, nessa fase o outro é preponderante sobre o *eu*, para a constituição do sujeito. Além disso, Pêcheux (1997, p. 315) apresenta as etapas do procedimento da AD, com ordem fixa: com “a desestabilização das garantias sócio-históricas, em que a pertinência teórica e de procedimentos de uma construção empírica do *corpus* refletindo essas garantias”, de modo que a interação na *análise discursiva* traduz nos procedimentos a preocupação em se levar em conta a desestabilização discursiva do ‘corpo’ das regras sintáticas e das formas sequenciais evidentes, visto que a análise discursiva conjuga a alternância de momentos, assim culminando em uma fase nova na análise discursiva.

A noção de heterogeneidade discursiva, conforme Pêcheux (1997), destaca a tematização de formas linguístico-discursivas do *discurso-outro*: “-discurso de um outro, colocando em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 316). Consequentemente, é possível observar “pontos de interrogação” como sugere a terceira fase da AD na, em Pêcheux (1983), através da desconstrução das “maquinarias discursivas”, diferentemente do que era encontrado na primeira fase da AD. Assim, ao se considerar que as formações discursivas são heterogêneas, com o entrecruzamento entre o discurso e o

interdiscurso, o heterogêneo é constituído na contradição do eu pelo outro, sendo o objeto construído pela análise, ou seja, não se mostra fora da análise. Além disso, podem ser tomadas posições do sujeito distintas em uma FD, o sujeito não se mostra centrado na “maquinaria discursiva”, mas a partir de uma relação paradoxal.

2.2 Perspectivas Metodológicas em Análise do Discurso

Na Análise do Discurso, é preciso levar em consideração o fato de que não há um método propriamente dito, mas este vai sendo construído, assim cada trabalho de análise possui uma espécie de caráter de exclusividade. Além disso, é importante observar que não há um discurso que tenha suas palavras, não há algo estabelecido nas palavras, ou seja, não há imanência na palavra, há que se levar em conta o funcionamento discursivo. Maingueneau (1987) critica os termos pivôs, mas utiliza, usa o método de modo controlado, pois antes não havia controle. O autor faz uma crítica ao apriorismo, dando a ideia de contrato ideológico, considerando que termos pivôs mudam de acordo com as cenas enunciativas e um contrato ideológico, de modo que a cena enunciativa será sempre como um contrato social. Nesse sentido, o trabalho com o acontecimento em Pêcheux apresenta o discurso como funcionamento do sentido e não há garantia, a ideologia não está no domínio do indivíduo, ultrapassa, ou seja, vai para um lugar na consciência.

Nesse contexto, para a AD, o que o dizer representa, constitui o sujeito, sendo que a análise precisa considerar a materialidade, a parte das condições de produção, algo contextualizado, não pode ser separado. Assim, o sentido material está presente na palavra. Em termos metodológicos, um critério de análise pode ser realizado a partir da quantificação da frequência de ocorrência das palavras, do texto, de modo que o discurso em AD é o *corpus*.

A interdiscursividade é tratada em AD como tudo que pode ser dito, recortado por outra posição, por exemplo a discursividade feminista que atravessa a discursividade política. Para descrever a discursividade, Orlandi (1996, p. 211) afirma que “a exterioridade não tem objetividade empírica fora do ‘fora’ da linguagem, pois, na análise de discurso, a exterioridade é suprimida para intervir como tal na textualidade.

A noção que trabalha com a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é o interdiscurso. E o que define o interdiscurso é a sua objetividade material contraditória, objetividade material essa que, como diz M. Pêcheux (1988), reside no fato de que algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo de formações ideológicas. É isto que fornece a cada sujeito 'a sua realidade' enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas' (ORLANDI, 1996, p. 211).

Além disso, é importante ressaltar que, para a AD, de acordo com Orlandi (1996, p. 211) “não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma construção, de um gesto teórico. E aí que entra toda questão da interpretação”. Logo, é preciso levar em consideração os dados enquanto construídos, há sempre uma construção, para o analista é fundamental compreender o deslocamento, uma vez que a interpretação leva em conta a questão da exterioridade. Na metodologia, o acesso do *corpus* é o acesso para a construção do *corpus*, há que se fazer uma investigação sobre o método.

Orlandi concebe a análise como um gesto de interpretação. Nesse sentido, o objeto da AD são os gestos de interpretação, que constroem a discursividade, o interesse não se volta para a comunicação, mas o gesto de interpretação, ou seja, como o real está sendo interpretado. O analista pode se aproximar de tais gestos para atingir os efeitos de sentido. Portanto, a noção discursiva de ideologia consiste na interpelação do sujeito, este só existe porque faz sentido, a partir do exterior, pois há uma memória discursiva que constitui o sujeito. A partir dos pressupostos teóricos, é possível observar que a metodologia é construída, uma vez que se encontra na atividade analítica.

2.3 A constituição do sujeito em Análise do Discurso

Orlandi (2000, p. 25) apresenta importantes considerações sobre a conjuntura intelectual da AD: “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”, e ao relatar sobre dispositivo de interpretação, indica que esta é teorizada pela AD e diferencia o estudo do discurso da Hermenêutica. Dessa maneira, “a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”

(ORLANDI, 2000, p. 26), visando compreender o modo como um objeto simbólico produz sentidos e significa nos sujeitos e o modo como um texto organiza os gestos de interpretação e a relação entre sujeito e sentido. Dessa maneira, a autora observa o modo em que a língua e a história e a partir do gesto de interpretação constituem a produção de sentidos. Por isso, é importante, também, apresentar reflexões sobre as condições de produção e o interdiscurso, considerando suas contribuições para a compreensão da análise discursiva.

Para Orlandi (2000, p. 36), o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos que são “aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, o dizível, a memória”, de tal modo que há uma relação entre a polissemia, que rompe com os processos de significação, ao passo que a paráfrase apresenta aspectos de estabilização, retorno aos mesmos espaços do dizer. Orlandi (2003, p. 39) apresenta outros fatores para o funcionamento das condições de produção do discurso, as formações imaginárias: relações de força, relações de sentido, antecipação, em que o dizer é regulado por essa antecipação e dirige o processo de argumentação e visa os efeitos sobre o interlocutor.

Sobre a interpelação do indivíduo, Pêcheux (1995) afirma que:

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “discurso de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 1995, p. 163).

Com base em Pêcheux (1975), Orlandi apresenta duas formas de esquecimento, o primeiro trata da ordem da enunciação, cuja impressão da realidade de pensamento denomina-se ilusão de referencial, assim uma relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Já o “esquecimento ideológico”, apresenta-se a ilusão de ser a origem do que dizemos, mas apenas retomamos sentidos pré-existentes.

Quanto às considerações sobre Formação Discursiva, Orlandi (2000), relata que não há sentido em si mesmo, ou seja, o sentido se constitui pelas posições ideológicas no “processo-sócio-histórico em que as palavras são produzidas” e é

nessa formação ideológica, em uma posição sócia histórica que a formação discursiva é definida. A autora comunga com Pêcheux ao tratar a interpretação é um “gesto”, um ato no nível simbólico, assim, “ao significar, o sujeito se significa”, esse gesto de interpretação é decisivo na direção dos sentidos, conseqüentemente na direção do sujeito, este por sua vez é afetado pela língua com a história. Nesse sentido, é importante lembrar que o discurso é pensado como posição, que segundo Orlandi (2000, p. 49), conforme Foucault (1986), trata-se da “posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito no que diz”.

Nesse contexto, os sentidos são atribuídos pela exterioridade, ou seja, pelas condições de produção, é possível compreender que é a partir da materialidade linguística que constitui os sentidos. Segundo Orlandi (1996),

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma/ conjuntura sócio-histórica. (ORLANDI, 1996, p. 40).

Uma vez que, as palavras não emanam sentido, a interpretação é determinada por processos que fogem ao controle do sujeito, por esta razão é a relação entre os sentidos e as palavras é considerada uma relação indireta. Desse modo, a análise do discurso “trata a questão, da interpretação restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos. Ela propõe, então, uma distância, uma desautomatização da relação do sujeito com os sentidos” (ORLANDI, 1996, p. 99).

Nessa perspectiva, é importante destacar a noção de ideologia enquanto inconsciente. De acordo com Orlandi (1996, p. 100) “a ideologia não é, como se sabe, consciente. Ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua necessidade conjunta”. Além disso, é possível observar o caráter de incompletude da linguagem, Orlandi (2000, p. 50) traz concepções sobre o sujeito e sua forma histórica, forma que “corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso (...) pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. A partir de tal incompletude, enquanto a condição da linguagem, os sujeitos e os sentidos não estão completos. Assim, isso acontece “no

discurso, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade” (ORLANDI, 2000, p. 53).

É importante observar a noção de interdiscurso, a partir da relação do discurso com outros discursos, bem como sua relação com a linguagem e com a história. Segundo Orlandi (1996, 89-90), “o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido”, ele se apresenta como séries de formulações distintas no domínio da memória. Dessa maneira, o interdiscurso é recortado pelas formações discursivas, estas são diferentes regiões e que refletem as diferenças ideológicas. Ademais, é importante ressaltar que, para a autora, os diferentes sentidos são constituídos a partir do modo como as posições dos sujeitos e seus lugares sociais aí representados.

Conforme Orlandi (1996), o trabalho com o discurso feminista é caracterizado como a FDx, com sua configuração própria: x = feminista. Logo, o analista disporá de uma multiplicidade de textos que ele pode considerar no conjunto de textos que dizem respeito a Fdx, considerando a configuração gráfica da heterogeneidade discursiva, conforme a figura abaixo, de acordo com Orlandi (1996):

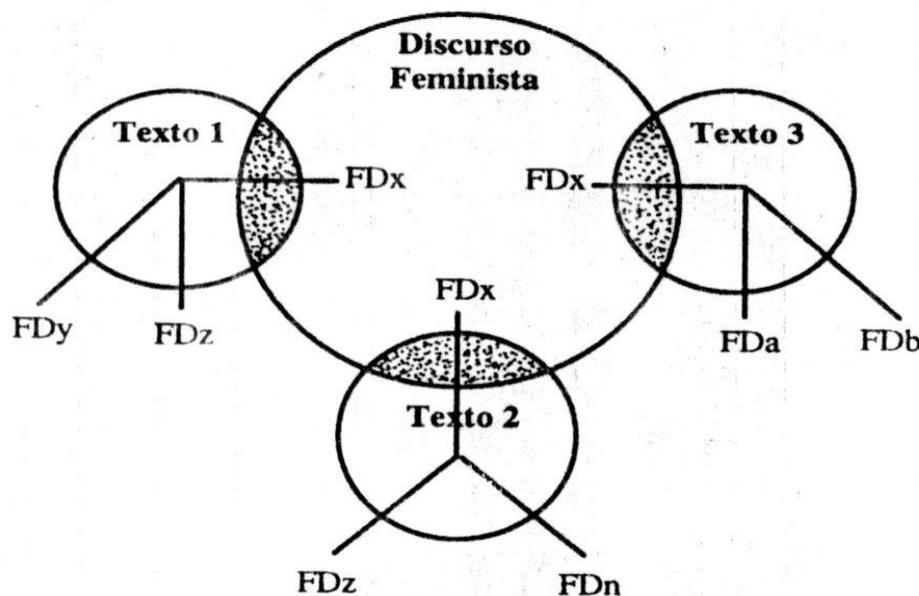


Figura 1- configuração gráfica da heterogeneidade discursiva (ORLANDI, 1996)

De acordo com Orlandi (1996), o texto 1, o texto 2, o texto 3 que estarão atravessados por diferentes FDs: FDx, mas também FDz, FDn, FDa, FDb, FDy, já que os textos são heterogêneos em relação às FD que os constituem Orlandi (1996). Tais pressupostos são importantes para construção da análise discursiva, pois essas diferentes relações produzem efeitos de sentidos diferentes, o que terá de ser levado em conta neste discurso, segundo Orlandi (1996), pois heterogeneidade do discurso feminista resulta assim do fato de que, no texto 1, a FDx convive com FDz e FDy, no texto 2, convive com FDa e FDb, e no texto 3, com FDz e FDn.

3 Procedimentos Metodológicos de construção do “corpus”

Os procedimentos metodológicos para a construção do *corpus* desta pesquisa, após as considerações sobre a Metodologia em Análise do Discurso, considerações sobre a Análise do Discurso, são constituídos pela seleção e análise do *corpus* (texto escrito).

Esta pesquisa consiste na revisão bibliográfica sobre as concepções da AD a serem utilizadas tais como, Formação Discursiva, Sujeito, a partir de Orlandi (2000), e Orlandi (1996).

A constituição da análise desta pesquisa parte a do referencial teórico da Análise do Discurso, como dito anteriormente, destacando os recortes analisados conforme foram apresentados na obra “O Segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, especificamente a parte sobre a biologia, tendo em vista sua presença em uma questão do Enem-Exame Nacional do Ensino Médio (2015).

O *corpus* deste trabalho é composto por sequências discursivas, ou seja, a partir de excerto (fragmento ou trecho) material, o qual se pode-se analisar e observar uma determinada formação discursiva ou formação ideológica, presentes na parte selecionada sobre os dados da biologia. Para a análise, foram utilizados os procedimentos teórico-metodológicos da AD. Assim, neste trabalho, foi utilizado o critério de análise a quantificação da frequência de ocorrência das palavras no texto.

4 Análise dos Dados e Resultados

Para realizar o trabalho analítico, foram utilizados os pressupostos de Orlandi (2000) e de Pêcheux (1997), sobre Formação Discursiva, tendo em vista que “o sentido não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo-sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (PÊCHEUX, 1997, p. 160) e é nessa formação ideológica, em uma posição sócia histórica que a formação discursiva é definida. Sobre a questão da heterogeneidade discursiva, Pêcheux (1997) destaca a tematização de formas linguístico-discursivas do *discurso-outro*: “-discurso de um outro, colocando em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 316). Tais considerações foram acionadas à medida que a ampliação *corpus* necessitava, assim serão apresentadas, a seguir, a análise de alguns enunciados que foram encontrados na obra *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir, especialmente na parte dos dados da biologia.

É possível observar o caráter de alteridade da figura feminina e o processo de como se pensa e se diz a mulher pelo viés da cultura patriarcal:

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; [...] A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1980, p. 10).

Tal exigência constitui a posição assumida pelo sujeito, conforme Pêcheux (1997): “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1997, p. 163). Nota-se que o feminino é apresentado a partir do esvaziamento de valores e da possibilidade de consubstanciar-se com relevância, inserindo-o na dimensão de simples alteridade, como o outro da cultura. A partir da concepção de realização enquanto ser humano, Beauvoir (1980) questiona:

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe

sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

O questionamento de Beauvoir (1980) identifica a opressão que pesa sobre as mulheres, considerando a dificuldade de libertação da condição de subserviência, ao mesmo tempo, observando que, a alteridade em relação ao homem é identificada como caráter negativo. Pode-se notar uma busca pela realização enquanto “ser humano”, dentro da “condição feminina”, bem como o discurso de insatisfação e desejo por autonomia e liberdade, em relação existência, uma vez que “os homens lhe impõem a condição do Outro”. Assim, a FD depende de uma espécie de “controle social”, instituído pelo patriarcado, ou seja, outras FDs postas em funcionamento, de modo que a presença do outro significa no “eu” para determinar a posição do sujeito, que pode assumir vários papéis ou funções, formando assim o discurso heterogêneo. Dessa maneira, o exterior (a sociedade) é fundamental para compor as posturas assumidas como manifestante, constituindo assim um papel no discurso. Além disso, a partir do conceito de alteridade ou o outro, verifica-se o caráter binário, em que o centro é apresentado no eu, ou seja, o patriarcalismo, o outro, por sua vez constitui a mulher.

A partir da premissa: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Beauvoir (1980), apresenta uma ruptura com questões ligadas ao caráter biológico. De acordo com Beauvoir (1980, p. 10), “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. Com base em Orlandi (1996), “o interdiscurso é constituído pelo conjunto do dizível definido histórica e linguisticamente. Nesse sentido, observa-se, a relação de um discurso com outros discursos. De modo que, é possível observar o discurso heterogêneo atravessado por formações discursivas da Psicologia e da Economia, constituindo sentidos, contribuindo para a constituição do sujeito mulher, que ultrapassa o caráter biológico, aspecto essencialista instituído pela sociedade.

Beauvoir (1980) defende a distinção entre sexo (fator biológico) e gênero (construído pela sociedade), ao longo da história, cada cultura criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero. A partir dessa perspectiva, o sexo é

um caráter biológico, ou seja, ligado à constituição físico-química do corpo humano. Ao passo que, a referência ao gênero feminino está ligada às características sociais sobre a mulher. Na perspectiva do gênero, enquanto construção social, não se refere ao caráter biológico, mas às construções culturais e históricas de uma determinada sociedade, considerando padrões estabelecidos de comportamento para o gênero feminino e para o gênero masculino.

Assim, é possível perceber que a formação discursiva do campo da biologia, da psicologia e da economia. Nesse contexto, para a sociedade, a concepção de mulher é a expressão humana da fêmea, socializada a partir do nascimento para possuir determinadas características, as quais constituem a chamada "feminilidade".

5 Considerações finais

A partir da análise dos fragmentos textuais e das relações teóricas estabelecidas, evidenciou-se, pela investigação discursiva proposta, que é pela repetição que um discurso se materializa e que o feminismo se alicerça. Quanto ao feminino, há uma busca incessante por um significante, e as mulheres, por um lugar. Nesta lógica, a relação possível entre feminismo e feminino é pela via discursiva, que por sua essência é alicerçada no inconsciente e na repetição da mulher em relação ao outro. Ademais, de modo a considerar a heterogeneidade do discurso feminista, observa-se as diferentes relações produzem efeitos de sentidos diferentes, o que terá de ser levado em conta neste discurso, em conformidade com Orlandi (1996).

No presente trabalho, buscou-se contribuir para o avanço sobre conhecimento e sobre reflexões acerca do sujeito na Análise do Discurso e sua prática analítica. Assim, as reflexões teóricas mostraram-se importantes para compor a compreensão da concepção de sujeito, à medida que o *corpus* selecionado decide os caminhos os procedimentos a serem utilizados na análise, conforme Pêcheux (1983). Vale ressaltar a importância da discussão de importantes conceitos, servindo assim de suporte teórico para pesquisadores da Análise de Discurso ou da Linguística, assim como uma forma de situar o leitor em questões relativas à linguagem com aspectos exteriores, os outros sujeitos, os sentidos e com a história. Com este trabalho, espera-se contribuir para a ampliação dos estudos em Análise do Discurso, bem como para

intensificar a presença de repertório sociocultural na área de Produção Textual, com a presença feminina nos debates em aulas de Língua Portuguesa, com uma perspectiva multidisciplinar, especialmente a partir da Filosofia, demonstrando a relevância da produção de Simone de Beauvoir, grande referência para o movimento feminista.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BUTLER, Judith. Sexo & gênero em El segundo sexo de Simone de Beauvoir. **Mora**, v. 4, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense, 2004.

MAINGUENEAU, D. Para além dos termos pivôs (pp. 133-158). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Ed. Da Unicamp, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942- **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas. Edit. da Unicamp. 1995.

_____. **O discurso, estrutura ou acontecimento** [trad. Eni Orlandi]. Campinas, SP, Pontes, 1997.

_____. Análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. et HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Edunicamp, 1997, pp. 311-318.